


Extermínio da população preta e pobre na pandemia da Covid-19: A necropolítica nos EUA

 <https://doi.org/10.56238/sevened2024.026-045>

Rosely Silva Pires

Profa. Da UFES, Dra em Ciências Jurídicas e Sociais, fundadora e coordenadora do Fordan/UFES.

Fernanda Couzemenco

Mestranda em Comunicação pela UFES, jornalista, coordenadora do núcleo de comunicação do Fordan UFES.

Olavo Silva Pires

Mestrando em Geografia pela UFES, coordenador do núcleo de geoprocessamento do Fordan UFES.

Lizio Silva Pires

Graduando em História pela UFES.

RESUMO

Este texto tem como objetivo colocar em análise um debate que é histórico e que produz discussões acerca dos direitos humanos, qual seja: o extermínio da população preta e pobre pela micropolítica. Nossa proposta de análise tem como base o paradigma indiciário de Carlos Ginzburg que permitiu a observação de pistas, indícios e sinais com objetivo de investigar os autoritarismos governamentais. Para essa reflexão, pesquisamos vários casos na tentativa de entender as conspirações nos EUA contra a população preta e pobre e, narrar as estratégias utilizadas pelo movimento negro para retirar Donald Trump do poder. Alguns autores foram fundamentais para a análise: Mbembe (2016), Silvio Almeida (2018) Djamila Ribeiro (2017), WEB. Du Bois (1999). Boaventura Santos (2007) Munanga (2003) Para esse artigo trabalhamos dois momentos de análise: os protestos na rua com a força do movimento Black Lives Black Lives Matter e a estratégia de militantes negras e negros para a retirada do supremacista branco Donald Trump da presidência dos EUA.

Palavras-chave: Racismo, COVID-19, Necropolítica, Militância negra.



1 INTRODUÇÃO

Este texto busca colocar em análise um debate que é histórico, nas ciências sociais e demais áreas, e que produz discussões acerca dos direitos humanos, qual seja: o extermínio da população preta e pobre pela Necropolítica de governos autoritários. Como afirma Sílvia Almeida (2018), falar de racismo estrutural é olhar para o contexto histórico de muitas lutas que tem como base principal a escravidão. Segundo o autor estamos vivendo um rebaixamento da pauta, pois agora mais que lutar por direitos, estamos lutando para não sermos mortos.

Nossa proposta de análise tem como base o paradigma indiciário de Carlos Gizburg. O autor ao propor esse método permitiu a muitos de nós pesquisadores a observação de pistas, indícios e sinais com objetivo de investigar o que está escondido e não pode ser problematizado com métodos tradicionais. Para essa reflexão, vamos utilizar o indiciário na tentativa de entender possíveis conspirações nos EUA contra a população preta e pobre residentes naquele país e, narrar as estratégias utilizadas pelo movimento negro para retirar Donald Trump do poder. Alguns autores foram fundamentais para a análise, os principais são: Mbembe (2016), Sílvia Almeida (2018), Djamila Ribeiro (2017), WEB. Du Bois (1999), Boaventura Santos (2007), Munanga (2003).

O objetivo deste texto é narrar pontos fundamentais sobre o movimento negro dos EUA frente as manifestações, que culminaram: com a retirada de Donald Trump da presidência dos EUA e, com a vitória de Joe Biden e Kamala Harris. Nossa perspectiva é entender como a organização e o poder da militância do movimento negro está conseguindo intervir, diretamente nas políticas de supremacia branca dos EUA, ocupando espaços de luta e criando redes de poder. Para isso vamos trabalhar com algumas questões: o mapeamento de protestos antirracistas e contra a violência policial potencializados frente a morte de George Floyd, analisando o papel fundamental que algumas negras e alguns negros tiveram nesta luta. A narrativas de estratégias de poder, utilizadas por esses e essas militantes. Alguns (as) militantes, a maioria mulheres, são apresentados no texto, são eles/elas: as mulheres Patrisse Cullors, Alicia Garza, e Opal Tometi fundadoras do movimento Black Lives Matter; a vice presidenta dos EUA Kamala Harris; a ativista Stacey Abrams; a prefeita de Washington Muriel Bowser e o Senador Raphael Warnock.

O contexto político que estamos vivendo tem exigido de nós militantes negras e negros uma reflexão que We Du Bois (1999, p. 117) descreve como tomar conhecimento do nosso poder. Para o autor é preciso estudo, reflexão sobre nossa história de luta, pois assim,

(...) o negro haverá de encontrar e solucioná-las por si mesmo, em razão de seu isolamento. Terá outra forma de fazê-lo senão que baseada no estudo, no pensamento e na utilização da rica experiência de seu passado? (WE DU BOIS, 1999, P. 117)

2 POPULAÇÃO PRETA E POBRE NA PANDEMIA DA COVID-19: A NECROPOLÍTICA NOS EUA CONTRA A POPULAÇÃO PRETA E POBRE

Entender que letalidade da COVID 19 nos territórios, onde estão as populações pretas e pobres, faz parte de um projeto de genocídio é uma base importante para analisar o funcionamento da necropolítica encampada por governos autoritários. Mbembe (2016, p.25) discute que morte e liberdade estão entrelaçadas se tiver como base de observação a escravidão. Para o autor o “terror é uma característica que define tanto os Estados escravistas quanto os regimes coloniais tardo-modernos”, pois, ambos impõe a ausência de liberdade, como a experiência da pandemia e diversas outras práticas de perda de direitos como temos vivido constantemente, como população preta e pobre. Como afirma Mbembe (2016, p. 25) experimentar uma constante “estar na dor”. “Um certo tipo de loucura” causada por

(...) estruturas fortificadas, postos militares e bloqueios de estradas em todo lugar; construções que trazem à tona memórias dolorosas de humilhação, interrogatórios e espancamentos; toques de recolher que aprisionam centenas de milhares de pessoas em suas casas apertadas todas as noites desde o anoitecer ao amanhecer;

Para a análise trabalharemos com quatro eixos: 1) A pesquisa divulgada pelo Jornal Britânico The Guardian¹ que apresenta a relação entre a disseminação do vírus no EUA e as manifestações de 30 de abril contra o Lockdown; 2) A letalidade do COVID – 19 nas comunidades onde estão as pessoas pretas e pobres; 3) Seria possível direcionar a letalidade desse vírus para exterminar alguma população? Se sim que população seria essa? E qual seria a cidade escolhida? 4. Qual era a previsão do possível comportamento do Movimento Negro diante de tal brutalidade, considerando históricos de casos semelhantes? Os EUA tinham pesquisas que mostravam a letalidade do COVID-19 pós-manifestação.

Em 30 de abril a população foi às ruas para manifestar sua insatisfação em relação ao Lockdown. A empresa VoteMap² rastreou o celular dos manifestantes e analisou a relação entre a movimentação, destes, nas manifestações e o movimento do vírus. Neste período, os EUA estavam com a curva de crescimento semelhante à Itália e o Brasil, no período pós as manifestações o país passa a dobrar os casos a cada dia. Seis dias após as manifestações (06 de maio) o presidente Donald Trump considerou a crise do COVID 19 como pior que o ataque a Pearl Habor e o colapso do World Trade Center. No dia 27 de maio os EUA são registrados como o 1º país no mundo a alcançar a marca de 100.000 mortes diárias por causa do Coronavírus. Os EUA tinham conhecimento da grande letalidade do vírus. B) A letalidade do COVID – 19 nas comunidades onde estão as pessoas pretas e pobres.

¹ <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/05/18/protestos-lockdown-coronavirus-eua.htm>

² <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/05/18/protestos-lockdown-coronavirus-eua.htm>

Dia 30 de abril começou a circular, nos EUA, a pesquisa coma informação de que a maior quantidade de mortes pelo coronavírus estava nas comunidades negras e de baixa renda e, latinos. Um exemplo destacado foi o distrito de Bronx, Nova York, que apresentava 28% das mortes³. Em relação às demais cidades foram observadas que os negros representavam 22% da população e 28% dos mortos. Números alarmantes foram encontrados em Lousiana onde 32% da população é afro-americana e representavam 70% do total de mortos. Donald Trump ao receber a notícia sobre a letalidade do vírus na população preta e podre afirmou: “Eles têm sido afetados de maneira muito, muito dura. Não faz sentido e eu não gosto disso”⁴. Os EUA tinham conhecimento da grande letalidade do vírus no extermínio da população preta e pobre.

Seria possível direcionar a letalidade desse vírus para exterminar alguma população? Se sim que população seria essa? E qual seria a cidade escolhida? Minneapolis (cidade onde foi assinado George Floyd) é uma cidade progressista (por suas lutas políticas), porém, com altos indicadores de pobreza e desemprego. Nesta cidade está o primeiro Negro a ocupar o cargo de chefe de polícia (Medaria Arradondo), a cidade também possui um dos poucos complexos habitacionais para gays (uma conquista do movimento LGBT). Minneapolis tem um movimento indígena importante datado de 1968. Tem histórico de protestos importantes na luta contra o racismo, é o caso do assassinato de homens pretos que datam de 2015 (Lamar Clark) e 2018 (Thurman). Não se calariam diante de um novo crime brutal. A 656,6 km de Minneapolis está Chicago, a 3ª maior cidade dos EUA, que tem a primeira prefeita, mulher, preta e lésbica, a ex-Promotora Federal Lori Lightfoot⁵.

O assassinato de George Floyd aconteceu em Minneapolis, em um cruzamento que divide duas zonas com populações historicamente em confronto, uma povoada por brancos e outra por negros. Os negros são apenas 20% da população, mas, representam mais de 60% das vítimas em disparos com envolvimento de policiais. George foi acusado de compras com cartões de créditos roubados. O que não foi provado, uma vez que não havia nem notas fiscais de compra na citada loja, nem cartões de crédito em seu carro de onde foi retirado brutalmente. O presidente dos EUA, Donald Trump afirmou que essa “morte trágica” será investigada restritamente pela FBI. As manifestações de revolta, até o dia 31/05/2020, chegavam a computar a participação de 75 cidades dos EUA, 1.700 pessoas haviam sido presas até então⁶.

Qual era a previsão do possível comportamento do Movimento Negro diante de tal brutalidade, considerando históricos de casos semelhantes? Em 2014 Eric Garner foi assassinado por estrangulamento de forma muito semelhante à do George Floyd. Ele repetia para os policiais “eu não

³ <https://noticias.r7.com/internacional/covid-19-afeta-duramente-bairro-de-nova-york-de-maioria-latina-16042020>

⁴ <https://www.diversity.org.br/post/coronav%C3%ADrus-mata-negros-e-pobres-de-forma-desproporcional-nos-eua>

⁵ <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2019/04/03/chicago-elege-sua-primeira-prefeita-negra-e-gay.ghtml>

⁶ <https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2020/05/31/protestos-pela-morte-de-george-floyd-nos-estados-unidos-chegam-a-75-cidades-americanas.ghtml>

consigo respirar”. Preso também injustamente. Pelo menos 50 manifestações aconteceram em todo país e em uma dessas manifestações foi registrada a presença de 2.500 pessoas.

Toda essa narrativa de mapeamento de um projeto de extermínio da população preta e pobre é importante para compreender como afirma Munanga (2003, p. 15) que historicamente a identidade étnico-racial negra esteve ligada a um biologicismo com conteúdo político racista. Estrategicamente tratar essa população como não humanas justificaria a ausência de políticas públicas sociais. Entender o que acontece nos EUA, nos ajuda a olhar para o Brasil e analisar a importâncias de propostas que transforme a realidade da nossa população, mas proposta se opõe a uma outra identidade unificadora proposta pela ideologia dominante, ou seja, a identidade mestiça, que além de buscar a unidade nacional visa também a legitimação da chamada democracia racial brasileira e a conservação do status quo. (MUNANGA, 2003, p. 15)

3 DA RUA À CASA BRANCA: AS ESTRATÉGIAS NEGRAS E NEGROS PARA A QUEDA DO PRESIDENTE SUPREMACISTA BRANCO DONALD TRAMP

Narrar o movimento Black Lives Matter é relevante porque visibiliza as manifestações em resistência e luta contra o assassinato racista de George Floyd. Os movimentos, em sua maioria organizado pela BLM, tem sido significativo na luta contra o racismo nos EUA e até outros países, dada a extensão e força eu ele tem ganhado.

Djamila Ribeiro (2019) discute que muitos afirmam não ser racista, mas contribuem para perpetuar a opressão contra negras e negros. O engajamento de tantas pessoas - inclusive artistas, cantoras e outras pessoas influentes na mídia - ao movimento Black Lives Matter foi fundamental para o questionamento, pois,

A questão é: o que você está fazendo ativamente para combater o racismo? Mesmo que uma pessoa pudesse se afirmar como não racista (o que é difícil, ou mesmo impossível, já que se trata de uma estrutura social enraizada), isso não seria suficiente — a inação contribui para perpetuar a opressão (RIBEIRO, 2019, p. 6)

3.1 O MOVIMENTO BLACK LIVES MATTER

Para entender esse contexto das passeatas e eleições dos EUA é necessário fazer uma avaliação desse movimento importantíssimo que foi o Black Lives Matter (BLM). Buscamos entendendo a importância do movimento negro na mobilização da população às ruas, na produção de elementos importantes para a campanha e também, no terceiro momento e na exigência de espaços no Gabinete da presidência dos Estados Unidos. Em 2020 nós tivemos uma elevação da temperatura nos Estados Unidos principalmente por causa da violência policial.

Então em várias cidades ocorreram vários protestos em reação a violência policial contra a população negra, foi principalmente nesse contexto que o Black Lives Matter começou a ter uma

atividade mais influente nesse processo. Três ativistas, Patrisse Cullors, Alicia Garza, Opal Tometi fundaram uma organização em nível nacional que é o Black Lives Matter (BLM). O objetivo era produzir um movimento ideologicamente fortalecido para que pudesse realizar atividades expressivas de enfrentamento ao racismo nos Estados Unidos. Uma bandeira importante foi levantada em junho e julho de 2020 do movimento atuando em campanhas para o corte do financiamento das forças policiais nos EUA

Esse debate sobre o corte do financiamento da polícia avançou por parte de muitos políticos nos Estados governados por Democratas. As mobilizações foram grandes e importantes. Em algumas regiões os manifestantes estiveram em muitos quarteirões expulsando forças policiais e territorializando uma parte Central da cidade. Esse movimento todo fez com que a agenda eleitoral, dos Democratas, para eleição presidencial de Joe Biden fosse tomada pela pauta do movimento BLM.

7

Uma questão importante a ser destacada nas militantes que fundaram O BLM é o poder destas mulheres, vamos apresenta-la para uma compreensão sobre isso. **Opal Tometi** é estrategista, escritora, atua na liderança Comunitária dos Estados Unidos. Foi a diretora executiva da primeira organização nacional de Direitos dos Imigrantes dos Estados Unidos para pessoas de ascendência africana. Teve acesso às mídias importantes para projetar o movimento black lives matter⁸ como em revistas: *Essence* e *Glamour*; os canais BET, CNN e MSNBC. Publicou artigos em meios de comunicação incluindo *Time* e *The Huffington Post*.

Patrisse Cullors é ativista do movimento que defende as mudanças do sistema penitenciário de Los Angeles, é formada em religião e filosofia e leciona no mestrado em Justiça Social e Organização Comunitária no Prescott College. É atuante também na área da cultura, ela produziu peças de teatro. Patrisse recebeu vários prêmios, foi nomeada ativista do ano 2017. A última das três é **Alicia Garza**, ela além de ativista, atua em várias frentes direitos civis direitos empregados e empregadas domésticas. Ela é redatora editorial. Tem várias publicações pelo *The Feminist Wire*, *The Guardian*, *Truth Out*, *The Nation*, *Rolling Stone* e *HuffPost*⁹.

É importante entender como essas três mulheres criaram esse movimento, que não é mais só os Estados Unidos, é um movimento mundial. Em 2013 com a morte do adolescente negro Trayvon Martin e a absolvição do homem branco George Zimmerman¹⁰ Alicia, assim como milhares de pessoas se sentiu indignada, fez uma postagem no Facebook que dizia "Pessoas negras. Eu amo vocês.

⁷ Reportagem do dia 5 de agosto 2020, foi escrita por Adriano Cerqueira, professor de relações internacionais, Doutor em história e membro do observatório das eleições Estados Unido. <https://www.ibmec.br/mg/noticias/influencia-do-blm-na-eleicao-presidencial-dos-estados-unidos>

⁸ https://pt.wikipedia.org/wiki/Opal_Tometi

⁹ https://pt.wikipedia.org/wiki/Alicia_Garza

¹⁰ Mais de 100 cidades do EUA realizaram protestos. Acessar <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2013/07/protestos-voltam-ruas-nos-eua-contr-absolvicao-de-zimmerman.html>

Eu amo a gente. Nossas vidas importam, Vidas Negras Importam", Black Lives Matter. Patrisse Cullors compartilhou com uma hashtag "#BlackLivesMatter". Com essa postagem houve a popularização no Facebook, no Twitter e outras amigas ativistas criaram redes com o nome Black Lives Matter. O movimento se espalhou pelo mundo, inclusive no Brasil. Quando em 2020 Georg Floyd foi assassinado, Black Lives Matter ganhou novas forças e estourou na grande mídia mundial.

O movimento Black Lives Matter não foi o único movimento que atuou contra o racismo neste período narrado, mas ele foi muito representativo nas questões da mobilização nas ruas, dando visibilidade negativa e produzindo reprovação às condutas autoritárias e racistas do presidente Donald Trump. Então 64% da população norte-americana, tinha simpatia pelas pessoas que estavam nos protestos.¹¹ Tem um ponto crucial nessa questão para entender a mídia e a sociedade apoiando manifestantes e militantes contra o racismo. Uma parte significativa dos manifestantes eram pessoas famosas¹² que foram para as ruas ou que ficaram nas redes sociais fazendo a divulgação dos protestos. Nomes importantes como Ariana Grande, Lana Del Rey, Beyoncé, Viola Davis, muitos se colocaram à disposição, inclusive para pagar fiança das pessoas que foram detidas, foi o caso das famosas Katy Perry e Harry Styles. Foi fundamental a divulgação de truculência policial contra esses manifestantes famosos, foi o caso de Halsey que foi baleada durante os protestos e gravou imagens dessa violência policial nas redes sociais dela. Esse movimento de violência que atingiu também os famosos influenciou decisivamente a opinião pública, os seguidores desses artistas passaram também a compactuar com a militância dos seus ídolos.

3.2 A MILITÂNCIA FEMINISTA NEGRA PRODUZINDO ESTRATÉGIAS DE PODER

O objetivo deste tópico é dar visibilidade a um movimento de resistência e luta produzido por mulheres nos EUA que assim como as mulheres, que foram escravizadas lutaram resistiram bravamente, estão transmitindo,

(...) para suas descendentes do sexo feminino, nominalmente livres, um legado de trabalho duro, perseverança e autossuficiência, um legado de tenacidade, resistência e insistência na igualdade sexual – em resumo, um legado que explicita os parâmetros para uma nova condição da mulher (ANGELA DAVIS, 2016, P. 44

Neste item do artigo vamos apresentar a atuação de três mulheres que foram fundamentais no processo de retirada do Donald Trump da Presidência dos EUA, são elas, Kamala Harris, a vice-presidente dos EUA; Muriel Bowser, prefeita de Washington e Stacey Abrams, líder da minoria na Assembleia Geral da Geórgia de 2011 a 2017.

¹¹ <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/06/02/maioria-nos-eua-simpatiza-com-protestos-e-reprova-resposta-de-trump-diz-pesquisa.ghtml>

¹² <https://blogs.ne10.uol.com.br/social1/2020/06/01/famosos-vaio-as-ruas-para-manifestar-em-favor-do-movimento-black-lives-matter/>

A vice-presidência ocupada por uma mulher negra, Kamala Harris, com mãe indiana e pai jamaicano, foi uma questão fundamental para essa reviravolta do movimento negro nos Estados Unidos. Com senadora, foi atuante nos protestos ao combate antirracistas. Kamala Harris tem uma história de pioneirismo na política, foi a primeira procuradora negra da história do estado da Califórnia e a segunda mulher a ocupar o Senado dos Estados Unidos. A proposta do movimento é que, em 2024, ela assuma a presidência. Será a primeira vez que os Estados Unidos terão uma mulher negra como presidenta. O primeiro e único negro foi Barack Obama¹³ que governou de 2009 a 2017.

Uma outra pessoa fundamental, neste momento histórico das eleições dos EUA, foi a Stacey Abrams¹⁴. A ativista negra e advogada tem uma história de participação em eleições, em 2013, ela criou o New Georgia Project que é uma organização não governamental que tinha o objetivo de promover o registro eleitoral de pessoas, principalmente negras, que haviam sido excluídas dos processos eleitorais.

Stacey percorreu a Geórgia e vários outros estados para aumentar a participação de negros e cidadãos norte-americanos de origem estrangeira, como os latinos e os asiáticos, nas eleições. De acordo com a Revista Vogue ela conseguiu dobrar a participação de jovens nas eleições e inspirou eleitores democratas brancos a voltarem. Segundo os dados 45% dos novos 800 eleitores, graça ao trabalho dela, engrossaram as eleições a favor de uma pauta do movimento negro. O destaque maior foi essa mobilização da população negra que através do voto pode manifestar a sua insatisfação a Donald Trump.

A importância da prefeita Democrata, de Washington,¹⁵ Muriel Bowser, uma mulher negra, graduada em história e mestre em políticas públicas. Muriel virou a antagonista número 1 de Trump porque foi denunciando a violência em protestos pela morte de George Floyd e criando estratégias de proteção e apoio aos manifestantes.

Muriel Bowser foi fundamental principalmente em dois momentos. O primeiro momento foi em relação às passeatas quando numa queda de braço, com Trump, a prefeita manda pintar numa rua próxima à Casa Branca, a frase: vidas negras importam, Black Lives Matter¹⁶. Além da pintura ela trocou o nome da rua que se passou a chamar Black Lives Matter Plaza.

Durante a invasão do Capitólio¹⁷, onde acontecia a contagem oficial dos votos que deram a derrota a Donald Trump, a prefeita Muriel Bowser impôs um toque de recolher de 12 horas. Na capital,

¹³ Leia mais em: <https://guiadoestudante.abril.com.br/atualidades/kamala-harris-representatividade/>

¹⁴ <https://noticias.uol.com.br/colunas/leonardo-sakamoto/2020/11/06/ativista-negra-pelo-direito-ao-voto-esta-por-tras-da-onda-biden-na-georgia.htm>

¹⁵ <https://exame.com/mundo/a-prefeita-negra-e-destemida-que-virou-a-antagonista-no1-de-trump/>

¹⁶ <https://oglobo.globo.com/mundo/em-confronto-com-trump-prefeita-de-washington-pinta-vidas-negras-importam-em-rua-que-leva-casa-branca-24465553>

¹⁷ Joe Bind já havia ganhado a eleição a contagem dos votos era apenas uma confirmação oficial. Um grupo invadiu o Capitólio incitado pelo presidente Donald.

a partir do horário de 18 horas nenhuma pessoa deveria, sem a autorização da Prefeita, caminhar, andar de bicicleta, correr, circular, ou fica parada no carro ou qualquer outro meio de transporte.

Outro momento importante, da prefeita, foi durante a posse de Joe Biden, ela fortaleceu a força policial, recebeu reforços de cidades próximas. Mas também conseguiu com a guarda nacional 21 mil membros¹⁸ e com isso os Estados Unidos afastava qualquer possibilidade de interrupção da posse do novo presidente. Entendendo a gravidade do momento, ela fez medidas como o fechamento das ruas, ponte, estações de metrô para evitar circulação próximas aos locais da posse do presidente Biden. Com tudo isso evitou possíveis ataques de grupos extremistas a cerimonia.

3.3 A FORÇA DO MOVIMENTO NEGRO NOS POSTOS DO GOVERNO JOE BIDEN

O movimento negro buscou garantir a participação dos negros em posição do auto-escalão no gabinete da presidência dos EUA, tudo como estratégica para garantir as pautas históricas do movimento. A importância dessa articulação dos militantes lembra uma discussão de Boaventura Santos (2007 p. 17), segundo o autor, o conhecimento considerado oficial, científico, utilizado para definir políticas de governo e da sociedade como um todo precisa ser distribuído de forma equitativa. O que significa dizer que aqueles que foram excluídos historicamente não tem seu saber valorizados, por isso as políticas não são produzidas para eles. A perspectiva da ecologia dos saberes trata,

(...) por um lado, de explorar a pluralidade interna da ciência, isto é, as práticas científicas alternativas que têm se tornado visíveis por meio das epistemologias feministas e pós-coloniais, e, por outro lado, de promover interação e a interdependência entre os saberes científicos e outros saberes, não-científicos.

Há uma diversidade histórica nessa eleição dos Estados Unidos¹⁹, porque o movimento negro fez algumas exigências e as exigências com o objetivo de garantir a realização de pautas importantes para o movimento. Cumprindo o acordo o presidente Biden garantiu na presidência 50% de não brancos (negros, latinos e asiáticos). No sentido comparativo o Trump tinha 16% de pessoas não brancas no seu gabinete, em posições de baixo escalão.

A importância de negros no auto-escalão pode ser observada no exemplo do Jurista, Alejandro Mayorkas, eleito para o departamento de segurança interna. Ele é o primeiro latino-americano que ocupa essa secretaria, responsável pela implementação e gestão de política de imigração do país, lembrando que esse foi um dos grandes problemas do governo autoritário de Trump.

Um nome importante neste gabinete é Lloyd Austin, o secretário de defesa é o primeiro negro a liderar o pentágono. O outro é da deputada Ohio Marcia Fudge que foi nomeada secretária da Habitação e desenvolvimento urbano, outros negros, incluem o novo diretor-geral da agência de

¹⁸ <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2021/01/20/posse-de-joe-biden-tem-esquema-de-seguranca-sem-precedentes.ghtml>

¹⁹ <https://www.opovo.com.br/noticias/mundo/2021/01/20/com-diversidade-historica--biden-tem-metade-do-gabinete-de-nao-brancos.html>

Proteção Ambiental Michael Regan, que será o primeiro negro a chefe de departamento, Cecília Rouse que será primeira presidenta de conselho de consultores econômicos e a primeira pessoa negra ocupar o cargo, e por fim, também Linda Thomas Greenfield a embaixadora do país na ONU.

Foram indicadas duas asiáticas para cargos de nível de gabinete como: a Neera Tanden, que será diretora do escritório de gestão e orçamento e; a Katherine Tai ao qual foi nomeada representante comercial dos Estados Unidos. São duas primeiras mulheres asiáticas ou américas nestes cargos de gabinete de Presidência. Além do Alejandro Mayorkas ao qual foi nomeado o cargo de segurança interna, temos o Xavier Becerra secretário de saúde de serviços humanos, Miguel Cardona secretário de educação e, Isabel Guzman que será administradora de pequenos negócios, destacando que o Becerra e Mayorkas são os primeiros latinos a liderar esses departamentos.

Fazendo a avaliação desse progresso do movimento negro nos EUA, lembramos do estudo em 2019 numa agência denominada Pew Research Center que descobriu que 56% dos Americanos acenavam que as relações raciais dos Estados Unidos tiveram uma grande piora com o Donald Trump.²⁰

Qual o significado dos negros no gabinete de Joe Biden? Fazer um enfrentamento à supremacia branca nos Estados Unidos. Os negros, latinos e asiáticos no gabinete junto a Joe Biden e Kamala Harris tem o objetivo de garantir algumas pautas, entre elas:²¹ o enfrentamento a pandemia da COVID 19 garantido principalmente vacina para as comunidades mais carentes de acordo com a legislação; a revisão da economia dos Estados Unidos, que tem sido um problema sério porque a população não branca é a população mais atingida com a questão da queda da economia; tem um foco principal da reforma policial, porque, os negros são mortos de forma acelerada pela polícia; a questão das políticas de anti-imigração. É também uma solicitação dos ativistas direitos civis para que cargos como juízes e procuradores do país também sejam ocupadas por pessoas não brancas.

Uma outra conquista, a ser destacada, foi garantir o controle do congresso americano já no início do mandato do Presidente Biden e da vice-presidenta Kamala. A eleição de Raphael Warnock, primeiro Senador negro eleito pelo Estado da Geórgia²², foi fundamental neste processo. Raphael Warnock representa a força da igreja, porque ele passou os últimos 15 anos na liderança da igreja batista Ebenézer. Igreja em que Martin Luther King pregou até o ano de 1968 quando ele foi morto. Como Martin, Rafael luta pelos direitos civis da população negra.

²⁰ Jornal “O Povo” reportagem do 20/01/2021 com a repórter Alice Souza.

²¹ Jornal CNN Brasil internacional reportagem do dia 18/01/2021

²² <https://g1.globo.com/mundo/eleicoes-nos-eua/2020/noticia/2021/01/06/raphael-warnock-faz-historia-nos-eua-ao-ser-o-primeiro-senador-negro-eleito-pelo-estado-da-georgia.ghtml>

Durante audiência de impeachment do Trump dia 13/01/2021, teve uma fala assertiva da democrata Cori Bush, a primeira deputada negra de Missouri nos Estados Unidos e ativista de trabalhadores sem teto, diz Bushm,²³

O 117º Congresso deve entender que temos um mandato para legislar em defesa da vida dos negros. O primeiro passo nesse processo é erradicar a supremacia branca, começando com o impeachment do supremacista branco-chefe (CORI BUSH, 2021)²⁴

O que que fica claro na narrativa deste texto é a movimentação de toda uma população negra, latina, e asiática para que não só as exclusões históricas, mas principalmente as últimas iniciativas do ex-presidente fossem todas desfeitas e isso a curto prazo.

4 CONCLUSÃO

Entender as relações sociais e sua dinâmica de produção de poder é um importante componente de luta e resistência política ao racismo, pois o racismo não somente está em comportamentos individuais ele se manifesta com maior perversidade

(...) como o resultado do funcionamento das instituições, que passam a atuar em uma dinâmica que confere, ainda que indiretamente, desvantagens e privilégios com base na raça (ALMEIDA, 2019, P. 26).

Se a morte de George Floyd foi planejada para que a população negra e pobre ficasse vulnerável a COVID 19 e a violência policial ao ir para as ruas, o movimento negro surpreendeu com sua capacidade de organização. Diante do genocídio pela COVID 19, não só a população preta, mas toda a população não branca, incluindo latinos e asiáticos estavam lutando pelo direito de viver. O projeto de extermínio encampado pela gestão do ex-presidente Donald Tramp foi tão letal que não restou outra opção a não ser ir para guerra.

Avaliamos a luta contra o projeto de supremacia branca dos EUA em três grandes movimentos; 1) antes das eleições: estratégias de mobilização nas ruas; intervenção nas mídias; parcerias com acordos para apoio do movimento negro a eleição de Joe Bind; uma vice-presidenta mulher, negra; Investimento financeiro na campanha; intervenção pesada no processo do acesso ao voto pelas minorias. 2) das eleições a posse: intervenção da prefeita de Washington no episódio da invasão da Casa Branca, a eleição dos senadores que garantiam o controle do Congresso Americano. 3) Equipe de Gabinete da Presidência dos Estados Unidos: garantia de 50% de não brancos que não apenas ocupassem os cargos, mas que esses cargos ocupados fossem do auto escalão e de estratégias que garantam pautas acordadas entre o movimento negro e o presidente eleito. Movimento negro este que

²³ Infelizmente o Senado dos EUA rejeitou pela segunda vez o pedido de impeachment do ex-presidente Donald Trump

²⁴ <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/2021/01/18/eua-o-que-o-gabinete-diverso-de-biden-significa-para-um-pais-dividido>



se expandiu para negros, asiáticos, latinos que são os mais atingidos pelas políticas de supremacia branca.

E no Brasil, quais são as previsões de que possamos, assim como nos EUA, avançar rumo a tomada da presidência do Brasil? O texto provoca tudo isso em nós uma vez que o presidente Bolsonaro, assim como Tramp, representa essas políticas de supremacia branca e o projeto de genocídio da população negra.



REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. *Racismo estrutural* / Silvio Luiz de Almeida. -- São Paulo : Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016

DU BOIS, W.E.B. *As Almas do povo Negro*. Tradução de José Luiz Pereira da Costa. Rio de Janeiro: Lacerda, 1999

MBEMBE, Achille. "Necropolítica". *Arte & Ensaios*, PPGAV, EBA, UFRJ, n.32, dez. 2016.

MUNANGA, K. "Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia". palestra proferida no 3º *Seminário Nacional Relações Raciais e Educação* - PENESB-RJ, 05 nov. 2003.

RIBEIRO, Djamila. *Pequeno Manual Antirracista*. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes*. *Novos estud. - CEBRAP*, São Paulo, n. 79, p. 71-94, nov. 2007.